

Entrevista com o professor Elli Benincá

Nédison Faria¹

Nedison - O meu projeto de tese no curso de doutorado é um projeto aberto. As próprias entrevistas poderão nos dar algumas pistas, com ênfase nesse ou naquele aspecto, nas análises das práticas educativas desenvolvidas nestas últimas duas décadas da educação brasileira, os princípios que estão norteando as práticas educativas dentro de toda essa situação de dificuldades. Dentro deste contexto conturbado existem alguns esteios que permaneceram e permanecem no sentido de que a prática educativa é um espaço importante e viável para o trabalho educativo do professor e do aluno.

Elli - Você leu o meu texto “proposta pedagógica”? Este texto saiu na revista da AEC do Brasil.

Nedison - Dentro destes aspectos é que pretendo ouvir e dialogar com alguns educadores, entre os quais, com você. Há uma problemática. Nestes últimos 20, 30 anos o contexto intelectual europeu nos influenciou e influencia e tem mobilizado os professores em encontros e debates em nível nacional, estadual, local e mesmo internacional. São momentos de intensa reflexão e envolvimento.

Elli - Tentando localizar o meu pensamento sobre isso, lembro de um texto do Moacir Gadotti no livro “Educação e Poder”, editado em 1974. Um dos capítulos, acho que o segundo, fala sobre o problema do educador, os desafios do educador. Nele Gadotti vai analisar e dizer que está exigindo uma

¹ Doutor em Educação pela UFRGS e professor da Faculdade de Educação – UPF.

autorização da comunidade para poder contestar, temos que contestar, e assim por diante. É o primeiro artigo, manifestação, que eu li de contestação contra tudo o que havia oficialmente. Imagina, o documento é de 1974, no final do governo Médice e início do governo Geisel. Eu recordo, você deve se recordar também que quando esse texto chegou aqui, o Gadotti foi endeusado imediatamente, porque ele foi capaz de contestar. Lendo o artigo agora, vinte anos depois, você vai ver e perceber o quê? Numa passagem do texto, depois que ele contesta tudo, se observa e se descobre algumas nuances do autor. O problema que estava em voga naquele momento não era a relação professor-aluno, que o Paulo Freire discutia. O problema era Educação e Sociedade. Tinha que discutir a sociedade. Nesse caso, você pode fazer uma relação com a teoria do reprodutivismo. Ele está jogando pesado e diz que o educador é um político por essência, e tem que enfrentar a sociedade. Ora, esse é o processo dos primeiros momentos do reprodutivismo. A consequência da análise do reprodutivismo foi de que não adiantava reproduzir a sociedade, que não dava nada. Então o que o Gadotti fez? Ele, acho, não é um caso isolado, teria que se verificar isso na literatura brasileira. Ele escamoteia e oculta a relação professor-aluno. Ele joga de lado essa relação, entendeu! E se você analisar a década de 1970, você vai ver que todo o jogo pesado cai em cima da estrutura e o professor lutando com a estrutura; é o período da reprodução.

Nedison - Neste contexto, em praticamente de toda a década de 1970, surge um aniquilamento do papel do professor.

Elli - Daí surgem os sindicatos, não para lutar a favor da relação professor-aluno, mas atuando na relação educador-sociedade. A relação professor-aluno fica totalmente escamoteada. Eu acho que grande parte do problema do reprodutivismo desembocou num basismo com todas as consequências desse processo. Acho que ali você encontraria um elemento fundamental para localizar o processo do desânimo, do desalento, do desencanto pela prática educativa.

Nedison - Estou curioso pela hipótese que você levanta dentro desse quadro?

Elli - Minha hipótese parte do fato de Gadotti ter deslocado a relação professor-aluno, ter deslocado o eixo de discussão, de reflexão e de compromisso e de ter jogado o educador contra a sociedade, fato que fez com que o educador se visse pressionado por uma sociedade mais forte do que ele. Eles (professores) se organizaram em sindicatos porque achavam que os sindicatos, inclusive o CPERS, o sindicato de professores mais forte da América Latina, iam enfrentar a sociedade. Daí eles se deram conta que de fato a sociedade era potente e aí eles foram deixando aquilo que era específico deles como professores e foram se desqualificando. Aquilo que é próprio do professor, eles acabaram cedendo espaços. Porque veja o seguinte: eu acho que você será bom político se você tiver qualidade profissional. Ora, onde está a qualidade profissional? Não é a relação professor-aluno? Então a mi-

nha hipótese nasce dessa situação. Concordo com o fenômeno. O fenômeno existente é este.

Nedison - Você acha que a temática que nós estamos investigando, partindo do princípio de acreditar na pessoa, é significativa dentro desse contexto?

Elli - Eu acho que sim. Pela síntese que você me mostrou, um texto que apresenta a problemática de forma aberta, é a melhor forma de você trabalhar, tentando ouvir o testemunho de educadores que atuaram nestas últimas décadas, o que aconteceu neste processo.

Nedison - A hipótese que vai orientar a minha investigação está fundada na questão da apatia, do desânimo, da desagregação dos docentes em sua prática educativa. Bombardeado, de um lado, pelo descaso com que o profissional da educação tem sido colocado pelos executivos públicos e privados, sendo explorados nos seus trabalhos e, por outro lado, bombardeados pelos discursos sobre o papel do educador junto à criança, junto à escola, junto aos grupos sociais que priorizam, numa sociedade capitalista, os valores econômicos. Estou prevendo entrevistar de cinco a seis educadores que têm uma participação ativa no conjunto todo do processo educativo desencadeado nestas últimas décadas, entre eles, o próprio Gadotti, que também teve papel intelectual importante nos debates, em encontros de educadores, neste período. Na proposta, penso incluir o depoimento do professor Mário Osório e o seu. Penso entrevistar o professor Paulo Freire e a Professora Nilda Teves Ferreira, da UFRJ, que tenta recompor a relação profes-

sor-aluno e defende que a prática educativa é um ato de paixão, de amor.

Elli - Esta relação de paixão na prática educativa e tudo o mais, faz me lembrar do texto que ajudei a elaborar, junto ao nosso grupo de educadores aqui em Passo Fundo, que trabalha comigo, em que dei orientação e concepção. Se você quiser um dia fazer uma entrevista com o grupo, marque com antecedência com todo o grupo, podendo ouvir de professores municipais, que estão trabalhando em escolas da periferia urbana e que tentam trabalhar a questão da práxis educativa, para que você possa sentir concretamente este processo. A minha experiência pedagógica, ultimamente, se pauta muito nesta passagem dentro deste grupo de professores. Estou acompanhando há três anos esta pesquisa, esta investigação-ação. O grupo vai para o trabalho, observa, incluindo-se eles mesmos como agentes e suas reações com as crianças. O grande conflito que se constata é que “não conseguem saber mais como trabalhar com a criança”. O primeiro elemento que aparece agora é a dificuldade de você fazer com que o professor consiga se modificar para ele poder entender o mundo da criança. O que nós queremos é ver se recuperamos a escola de periferia. Mas a escola de periferia não será recuperada nos moldes da escola tradicional. Tomamos a raiz paradigmática do trabalho. Uma sociedade economicamente forte, tem dinheiro para reproduzir sua vida, sua família e ainda tem um excedente, com condições de acumulação. Esta sociedade tem exigências de uma escola própria para que lhe dê

condições de que o aluno não só busque informações, mas que construa instrumentos para poder reproduzir o trabalho e avançar neste processo de grupo dominante. Mas você vai encontrar outra camada de trabalhadores, acho que nós professores estamos nessa, em que eles também têm uma qualificação profissional. Embora a escola deles possa não ser aquela da classe dominante, eles querem uma escola onde o filho também busque instrumentos para poder se qualificar, ou ao menos, reproduzir a si mesmo e a sua família, mesmo que não acumule muito, mas ele precisa da profissão. E tem um terceiro grupo de trabalhadores, no trabalho produtivo, que com o trabalho já não conseguem mais reproduzir sua vida, nem sua família. Para estes a escola oficial passa ser um problema, porque ela não lhes dá os instrumentos. Há ainda um quarto grupo que são os excluídos. Nós estamos com crianças de periferia do terceiro e quarto grupos. O que uma criança de escola de periferia vai buscar na escola? A escola não ensina a roubar. A escola não ensina a pedir esmola. A sobrevivência dessas crianças vai depender destes instrumentos aprendidos na rua pela necessidade de sobrevivência. Há, pois, uma desvinculação da escola com a sua realidade concreta, que é a sobrevivência. Pergunta-se ao professor: você vai ensinar a roubar? E ele responde: eticamente não posso. Mas essa ética é de quem? É da sociedade vigente, não é do mundo dessas crianças. Qual é o valor primeiro: a sobrevivência ou roubo? Daí o professor que se situa na sociedade vigente fica realmente per-

plexo. Porque ele sabe que essas crianças, junto ao seu grupo, precisa sobreviver. Ele não vai poder contestar o roubo, porque eles precisam sobreviver. Nota-se pois, que o conflito se joga para o lado do professor. Esta é a experiência que estamos acompanhando.

Nedison - E como é que vocês colocam nas discussões, junto aos professores, o contexto intelectual destas últimas décadas, que contestam um otimismo pedagógico? Há um confronto das teorias reprodutivas frente à ingenuidade do papel do professor até então? Com isso constata-se um desânimo generalizado, uma perplexidade e apatia do professor no seu agir pedagógico? Há um sentir-se impotente frente ao contexto tomando consciência de que seu papel tem sido apenas o de reproduzir esta sociedade de classes? E daí como é que vocês, no grupo de pesquisa, se colocam?

Eli - acho que há duas raízes teóricas em jogo na década de setenta e que não podem ser esquecidas. Aliás, já na década de 1960 elas se confrontam. Uma é a raiz pedagógica libertadora de Paulo Freire e a outra raiz é a do positivismo mercantista que passa pela pedagogia skineriana, principalmente pelos modelos da tecnologia educacional. Bem, aqui em Passo Fundo na Faculdade de Educação da UPF onde fui diretor, o nosso grupo trabalhava com Paulo Freire, mas havia outro grupo que trabalhava com Skinner. A Faculdade de Educação sempre conseguiu conviver com as duas linhas metodológico-pedagógicas. Mas a prática didática mais forte era de quem? Parece-me que esteve sem-

pre mais forte para o lado skinneriano do que do lado do grupo libertador. O grupo libertador manteve o discurso em todo o tempo e esse discurso, de certa forma, foi uma contestação para que o outro grupo não avançasse mais. Agora, por trás desses dois grupos acho que prevaleceu um terceiro grupo que nunca foi discutido e que ficou tranqüilo no pensamento pedagógico em Passo Fundo e na região que é o grupo tradicional. O que é o grupo tradicional? Você pega a escolástica e a idéia do intelecto agente e o intelecto passivo do conhecimento. Você vê a relação teologia e filosofia sendo que a filosofia é serva da teologia. O que faz o intelecto agente? É ele que age, que conhece e deposita o conhecimento e o deposita no intelecto passivo. Quem é o revelador? Se você parte da teologia é Jesus Cristo, mas se você pergunta quem é que detém a revelação na instituição eclesial? É o magistério. Ora, este magistério é muito diluído. Na verdade esse magistério passa pelos teólogos, pelos filósofos. Vamos resumir tudo isso numa palavra: mestre. Então, o mestre é o revelador do conhecimento para o povo. Em sala de aula, qual o papel do professor? É o intelecto agente que é mestre e que tem o conhecimento depositado na instituição que repassa para o aluno que por sua vez é ignorante. Então, a crítica que Paulo Freire faz à pedagogia tradicional mostra que ela não foi exaurida. Ela se encolheu e o próprio discurso de Paulo Freire acabou facilitando para que a pedagogia tradicional entrasse assim numa atividade, podíamos dizer, de subalternidade, de ocultação,

mas ela se preservou de maneira muito forte.

Nedison - E se mantém presente ainda?

Elli - Sim. Estou fazendo um trabalho tentando verificar o seguinte: a minha hipótese é de que a escolástica está presente no senso comum pedagógico. A escolástica se tornou senso comum pedagógico. Eu já tenho várias observações. A professora Maria Crusius está observando como a escolástica foi transferida para o senso comum pedagógico, através da moral, da religião, do professor, da escola. Daí você vai verificar concretamente que os nossos professores não absorveram o discurso tecnicista-positivista na didática deles. No fundo prevalece a teoria escolástica tradicional, ou seja, a filosofia tradicional prevalece ainda na cabeça do professor no trato com o aluno. E se você olhar as instituições, principalmente a Universidade, ela se mantém dentro da tradição. Portanto, ela não evoluiu.

Nedison - Professor Elli, você acha que os vários discursos: reprodutivista, skinneriano e libertador provocaram e deixaram a pedagogia tradicional na retranca perturbando todo o contexto pedagógico?

Elli - Perturbou sim, perturbou. Mas a pedagogia tradicional se ocultou e ela vai... Se você hoje vai ao colégio Conceição e faz uma avaliação oficialmente, fala-se no discurso libertador, mas a prática é toda da pedagogia tradicional, em toda a sua extensão. E assim os outros Colégios Particulares, e os Colégios públicos estão na mesma. Agora, o que você precisa avaliar é outro aspecto: o discurso da pedagogia

libertadora foi caindo no problema político e quando caiu neste campo político se defrontou com o problema reprodutivista. E esta tendência reprodutivista mostrou que teoricamente nós quebramos a sociedade, ou nós nos adequamos a ela.

Nedison - Inclusive tem um aspecto aí, Elli, que me chama a atenção. A bandeira da organização sindical dos trabalhadores no ensino - tendo o elemento positivo o próprio processo organizativo da categoria -, ao invés de se preocupar com o enfoque da qualidade na relação pedagógica deslocou o eixo para a questão salarial, basicamente.

Elli - Você nota que passa a ser um conflito político e a questão que se trata da capacitação pessoal do educador, da qualificação profissional, de onde se exaure a autoridade do professor, foi deixada à margem. Isto você vai encontrar no texto de Gadotti muito bem explícito quando ele diz: não é prioridade discutir a relação professor-aluno e sim a relação professor-sociedade. Como mestre brasileiro no período da década de 1970, ele se tornou um pouco ídolo, com a proposta do confronto com a sociedade que levou a este processo basista. Você dizia inclusive a questão da Igreja libertadora. A Igreja caiu no mesmo esquema. O discurso teórico libertador da Igreja passou a se defrontar com uma sociedade que era imovível, que não *tinha* como avançar. Então começaram a dizer: o saber está no povo. O povo sabe. E de certa maneira, não adianta você formar agentes, não adianta você formar professores. Por que formar um agente, um professor se o

povo já sabe? Logicamente quem é que ficou desprestigiado? O professor. Porque o professor sabendo ou não sabendo, acabava sendo igual aquele que nada sabia. Há um conflito muito frontal entre a pedagogia tradicional - que colocava todo o saber no mestre - e a pedagogia agora basista - que joga o poder no povo, o povo sabe. Em consequência o que aconteceu? Em sala de aula ficou o poder do mestre, mas fora da sala de aula, ele acabou sendo desprestigiado pela sociedade.

Nedison - Claro que este ambiente criou um desânimo. Criou este desalento. Neste contexto eu construo o meu problema E a minha tese é de que eu acredito que deva aflorar alguns princípios, que estariam norteados a trajetória de alguns educadores como você, como Mário Osório, como Gadotti, como Freire, etc.

Elli - eu tenho uma outra fonte sobre este desânimo Você leu os documentos de Santa Fé I e II, do governo Reagan e Bush? O Santa Fé II deixa claro que quatro coisas deviam ser combatidas no Brasil que tinham inspiração gramsciana, principalmente o intelectual orgânico - que são os artistas, os professores universitários, as escolas e a teologia da Libertação. Ora, eu acho que o maior mestre foi o Collor. Ele conseguiu esvaziar os partidos, os sindicatos. Todas as organizações ele conseguiu um procedimento de esvaziamento. Claro que eu acho havia um ambiente favorável para ele esvaziar porque estava toda esta pedagogia reprodutivista. Você não pode deixar de lado estes documentos.

Nedison - Falando em documentos Elli, eu vou precisar de toda a sua produ-

ção de documentos escritos, para numa segunda entrevista já destacar alguns tópicos.

Elli - Eu tenho textos mais antigos e os mais recentes sobre religiosidade, o confronto das culturas e agora estou trabalhando sobre ciência pedagógica fundamentada sobre um tripé: contexto-professor-aluno, numa mútua relação, numa interrelação onde eu recupero o processo do diálogo. A escola nova atua sobre o aluno como sujeito da aprendizagem, a partir de seus interesses. Se você toma a escola tradicional, o sujeito é o professor. Se você toma o basismo, o sujeito é o ambiente, a sociedade. Então me parece importante uma relação que dialogue entre os três elementos. E acho que tem muita coisa a recuperar de Paulo Freire, mesmo que não tenha evoluído no processo de reflexão na escola formal, como a questão do diálogo. Paulo Freire deixa bem claro o contexto. Deriva daí a relação do diálogo sujeito-sujeito. Então a minha proposta é de que há um sujeito pedagógico. E este sujeito pedagógico é professor-aluno-contexto.

Nedison - Formando uma intergênese geradora de um processo de confrontos, de conflitos que se operam.

Elli - Estou tentando recuperar a questão da fé, da credibilidade que deve haver entre o grupo. Você sabe, Nedison, que um processo de diálogo sem fé não é possível. A questão da esperança num processo de utopia. E o terceiro elemento é o poder. O poder não pode ser exercido autoritariamente, mas ele tem que ser serviço.

Nedison - Sobre os textos, como é que eu poderia consegui-los?

Elli - Eu poderia ir coletando os textos que estão encadeados na minha dissertação que por sua vez está voltada para aquele texto anterior sobre a “prática pedagógica da sala de aula”, e que tem algumas raízes no livro “Introdução à Filosofia”. Eu me modificando conforme as pressões e as correntes surgindo do tempo.

Nedison - Esta é a perspectiva. A idéia é de nós crescermos, aflorarmos alguns aspectos significativos. Você tocou em aspectos do pensamento de Paulo Freire, Gadotti eu vou tentar entrevistá-los.

Elli - Seria muito interessante você ouvir um pouco Paulo Freire e perguntar-lhe como é que ele viveu os primeiros momentos, quando enfrentou a relação do pedagogo com o aluno dele, ou seja, o trabalhador no contexto. E como é que ele transpõe isto para o ensino formal. Vê se ele conseguiu, se ele avançou. Para mim os princípios são os mesmos. O que eu não vi nele foi a adequação para o ensino formal. Agora, esta nossa pesquisa com os professores municipais é uma tentativa exatamente de como adequar uma escola de periferia. Saiu um livreto sobre isto, você pode pegá-lo.

Nedison - Eu vejo isto aí.

Elli - A prática pedagógica que nós desenvolvemos para publicar este livreto foi muito interessante em seu processo. Cada escola produziu um texto. Eles discutiram o texto em plenários, várias vezes. Um texto da coordenação e um texto do nosso consultor.

Nedison - Alguns aspectos que você gostaria de retomar ou salientar?

Elli - Olha, eu acho que estas questões que você diz de que a trajetória do educador preserva. Eu penso que nos mo-

mentos todos de crise, você vai ver, no fundo o pessoal retoma a grande questão: a relação professor-aluno, ou *seja*, esta relação precisa ser recuperada.

Nedison - Esta é a esperança que eu coloco decisiva. E quando você, Elli, fala que tem que ter um projeto pela frente. Se não tem uma utopia pela frente, você não consegue enfrentar os obstáculos.

Elli - no texto não está muito claro isto. Pretendo clarear melhor esta questão do que é construir um projeto. Mas eu trabalhei com a Juventude Operária Católica na semana passada e conseguimos clarear alguns pontos que eles me ajudaram. Por exemplo assim, se você pega a questão da utopia hoje do ponto de vista, meramente político, o que aparece? Uma utopia desesperançada. Se você pega hoje um dado religioso, vê-se a teologia religiosamente sem perspectivas. Eu acho que até foi bom o rompimento dessas utopias. Elas eram muito imediatas. Para mostrar o seguinte: a sociedade constrói permanentemente seu processo. E a grande utopia é este processo de construção que vai se projetando e que vai ter que ser jogado para frente. Claro que este projetar leva a se apegar ao projeto proposto, como foi feito com a Teologia da Libertação e como foi com o próprio marxismo. Fundamentalmente o processo é rompedor das utopias para poder reconstruí-las.

Nedison - Processo rompedor do dogmatismo, de quaisquer posições absolutizadoras,

Elli - Toda vez que a utopia se estaciona no tempo o processo se encarrega de desmontá-la.

Nedison - Seria urna construção e uma reconstrução, porque vai incorporando aspectos significativos, dialeticamente.

Elli - Eu avaliei todos os aspectos dialéticos, todas as tendências dialéticas junto com o meu grupo. Por exemplo, a dialética platônica, tomista, hegeliana e principalmente a dialética hegeliana, mas elas não dão conta deste problema. Somente retomando o materialismo dialético-histórico original, da ideologia alemã, pela via de Gramsci, é que você vai perceber, também com Lukács, que a dialética é ainda a dinâmica mais fecunda no próprio processo. Eu não tenho como escapar daí. Eu realmente confesso que não consigo encontrar outro caminho teórico que me ilumine a não ser este. Só para trazer um exemplo tirado do Evangelho, para aproximar duas tendências. Lá se encontra os elementos básicos, quando diz assim: se você quiser seguir tem que tomar sua cruz. Não lhe dá nenhum espaço a você se acomodar em lugar nenhum. A dialética também não lhe dá. Mesmo por teorias opostas, mas me parece que as duas tem o mesmo procedimento.